

# A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Lucas Moreira Neves\*

## INTRODUÇÃO

A rica e fecunda reflexão de nosso irmão Estanislao Esteban Karlic colocou-nos diante do essencial desta IV Conferência: a *centralidade e perene atualidade de Jesus Cristo*. Segundo a feliz expressão de Heb 13,8; - o mesmo ontem, hoje e sempre - Ele é contemporâneo de todas as eras e idades do mundo e da humanidade.

A presente reflexão deriva e depende da que nos ofereceu o Arcebispo de Paraná (Argentina). Pois se, de um lado, a centralidade de Cristo, para ser operante e eficaz, exige ser anunciada por meio da evangelização, de outro lado, não é válida nem autêntica a evangelização que não seja anúncio do nome, da pessoa, do ensinamento, ou centralidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, esta verdade proclamada por Paulo VI na "Evangelii nuntiandi" a propósito da evangelização, aplica-se, com o mesmo vigor, à Nova Evangelização: Jesus Cristo há de ser o seu centro e o seu cume.

## 1. ORIGEM E SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO "NOVA EVANGELIZAÇÃO"

O Papa João Paulo II havia cunhado, no Discurso Inaugural do seu Pontificado, a frase: *"Não tenham medo: abram as portas ao Redentor"*. Na primeira encíclica, a sentença: "O caminho da Igreja é o homem" (pessoa humana). Na exortação apostólica "Familiaris Consortio", a locução: o bem-estar da humanidade passa pela família". Foi ele quem forjou também esta locução verbal: *Nova Evangelização*.

Ele utilizou a expressão, nas primeiras vezes, em referência à Europa e no contexto peculiar da unidade da Europa. Uma *Nova Evangelização* dos países da Europa deveria proporcionar, segundo as perspectivas de João Paulo II, um reencontro com *as raízes cristãs comuns* a todas as Nações européias. Por isso

\* Cardeal e Arcebispo de San Salvador de Bahía, Brasil.

mesmo, a Nova Evangelização deve ser tida como valioso fator de união no seio do velho continente.

Em discurso em Port au Prince, em 1983, o Papa usou pela primeira vez, a expressão *Nova Evangelização* referindo-se à América Latina. Nestes últimos nove anos ele a vem aplicando ao nosso subcontinente e o faz, obviamente, num sentido bem diferente do europeu.

Ele convida insistentemente a aprofundar este conceito de Nova Evangelização, e ele próprio o explica em numerosos pronunciamentos sobre a matéria. Toda a minha exposição pretende clarear, à luz desses pronunciamentos, a significação doutrinal e prático-pastoral da locução. Contento-me, portanto, nesta altura com algumas ponderações que considero úteis para a compreensão da mencionada expressão.

**Falar de nova (segunda ou renovada) evangelização é reconhecer que houve uma antiga ou primeira.**

Seria impróprio falar de *nova* evangelização de tribos, populações, raças ou comunidades humanas que nunca antes receberam o Evangelho: pigmeus, africanos ou aborígenes da Austrália e Oceania: aqui se fala de simples evangelização. Pode-se falar de Nova Evangelização na América Latina porque aqui, sim, houve uma primeira evangelização iniciada já a partir da segunda expedição de Cristovão Colombo. Foram seus protagonistas doze missionários franciscanos trazidos pelo Almirante. João Paulo II fala de "evangelização *fundante*" por ter sido o fundamento, ou alicerce de uma obra que está completando 500 anos.

Falar de Nova Evangelização não significa que a antiga tenha sido inválida, infrutuosa ou de pouca duração. Significa que, por melhor e mais duradoura que tenha sido, hoje desafios novos e novas interperlações são feitas ao Evangelho pelos jovens. Por isso é forçoso e é urgente dar respostas evangélicas novas e válidas: é o que deve fazer a Evangelização Nova.

Falar de Nova Evangelização, como advertiu o Papa no Discurso Inaugural desta IV Conferência *não significa propor um novo Evangelho* diferente do primeiro: há um só e único Evangelho, do qual se podem tirar luz nova para os problemas novos.

Falar de Nova Evangelização não quer dizer *reevangelizar* (o Santo Padre exclui taxativamente este sinônimo no Discurso de Haiti mas o emprega na Polônia, como a dizer que, onde o comunismo arrancou as raízes profundas do humanismo cristão, aí é preciso recomeçar do início). Na América Latina, não se trata de prescindir da primeira evangelização mas de partir da riqueza de valores deixados por ela. Longe de oposições e antagonismos com a primeira

evangelização, a segunda e nova evangelização quer prolongá-la, aprofundá-la, completá-la e atualizá-la.

Isso deve ser levado seriamente em conta sob pena de adulterar perigosamente a Nova Evangelização.

## 2. CARACTERÍSTICAS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

O próprio João Paulo II, no citado discurso de Haití e em posteriores pronunciamentos, traçou algumas características substanciais da Nova Evangelização. São elas que permitem definir a Nova Evangelização e conhecer a sua natureza.

Três elementos, segundo o Papa, conferem novidade à Nova Evangelização: um *novo ardor* animando e sustentando evangelizadores e contagiando os evangelizados; *novos métodos* utilizados na obra da evangelização e *novas expressões* empregadas na transmissão do Evangelho.

O *novo ardor*, fator essencial e primeiro de *novidade* na evangelização, é aquele mesmo "fervor do Espírito" (Espírito com E maiúscula) que já o imortal Paulo VI indicava como sendo a alma da evangelização: seria inquietante se tal ardor sobrasse em pregadores de outros credos e se mostrasse escasso e débil nos anunciadores de Cristo e do mistério cristão.

Os *novos métodos* tornarão *nova a evangelização* se, mantendo-lhe a pureza e integridade do conteúdo, lhe permitir atingir com mais facilidade o maior número de pessoas e até grandes massas; outros métodos deverão completar estes primeiros, e até corrigi-los, no sentido de salvaguardar a comunhão interpessoal e o clima de família entre o pastor e os fiéis bem como entre fiel e fiel na mesma comunidade.

As *expressões novas* referem-se ao problema da linguagem, aos sinais externos, ao revestimento verbal e gestual que é necessário utilizar na Nova Evangelização para tomar, não só mais expressivos e mordentes, mas até mais compreensíveis e assimiláveis as verdades evangélicas e os ensinamentos essenciais do cristianismo.

Sempre no sentido de melhor definir a Nova Evangelização, João Paulo II declara que ela é o conjunto de planos adotados, de iniciativas programadas para levar o Evangelho à gente e trazer a gente com maior eficácia ao Evangelho. O Papa chega a falar de uma *nova estratégia* no anúncio evangélico, na congregação dos fiéis, na condução da vida cristã. Deve ficar evidente, porém, que não se reduz a Nova Evangelização a projetos e planos, menos ainda as táticas e truques apostólicos para fazer "passar" o Evangelho. Na Nova Evangelização, o mais importante é - repitamos - o "fervor do

espírito" com que se anuncia uma Pessoa (a de Cristo) e um fato (o da sua Páscoa e o da sua Igreja graças à qual Ele permanece conosco).

Para João Paulo II, pois, a Nova Evangelização não é algo de puramente doutrinal e especulativo - é sobretudo algo de operativo, de dinâmico. Penso que seja exato concebê-la e defini-la, tão sinteticamente quanto possível, como *o conjunto dos meios e modos para colocar o Evangelho em confronto ativo com a Modernidade e o Pós-moderno*, quer para os interpelar, quer para deixar-se interpelar por eles. Acrescento, de imediato, que não falo de Modernidade e Pós-moderno de modo ingênuo, quase mítico, como se fossem uma idade-de-ouro, um paraíso reencontrado, um símbolo da perfeição - mas de maneira crítica, vendo nela valores e desvalores, limites e vazios, à luz do Evangelho.

### 3. ELEMENTOS PROPÍCIOS À NOVA EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Quem conhece bem o nosso Subcontinente Latino-americano e os povos que o compõem, costuma anotar, entre outros, três elementos favoráveis à Nova Evangelização. São realidades que de certo modo clamam pelo anúncio ardoroso do Evangelho porque atestam como que um sofrimento pela carência dele.

A primeira dessas realidades é o *senso religioso* que impregna o nosso povo. Incompreendido, mal educado ou instrumentalizado em sentidos diversos, tal *senso religioso* pode conduzir a superstições, a credences, a formas inquietantes de fanatismo, de magia, de irracionalidade, de misticismo exacerbado. Em si mesmo, ele manifesta uma  *piedade popular* católica, se não madura, pelo menos muito sincera e arraigada. Educado, esse *senso religioso* é verdadeira fome e sede do Sagrado, do Absoluto, de Deus, tudo isso enraizado naquele *substrato católico* que o Documento de Puebla discerne nas próprias fontes ou nossas nacionalidades. Aí está, um verdadeiro apelo a uma séria evangelização, feita com prudência, com amor e com sabedoria pastoral.

Um segundo elemento favorável é a *confiança de que goza a Igreja*, de modo geral, no espírito de nossa gente.

Não obstante o vasto pluralismo religioso hoje vigente nos nossos países e malgrado a virulência dos ataques contra a Igreja, quer na pregação inflamada de certos grupos religiosos, quer nos meios de comunicação social, quer nas salas de aula das Univesidades, quer nas arengas de políticos que se julgaram prejudicados por ela, a Igreja aparece constantemente nos três primeiros lugares entre as instituições confiáveis. Note-se aliás que, na mentalidade corrente da América Latina, o termo Igreja, assim, sem acréscimos, ainda significa, com todos os onus que isso acarreta, a Igreja Católica Apostólica Romana. Para falar de outras Igrejas, usam-se os adjetivos correspondentes.

Essa confiança na Igreja e em sua missão, a partir de pontos de vista às vezes até contrastantes - por suas posições em defesa dos direitos humanos ou pela sua fidelidade a valores morais e espirituais, considerados inumeráveis - pode constituir elemento propício ao anúncio do Evangelho.

Não menos propício, o fato de a Igreja encontrar-se hoje na linha de tiro de diversas forças de dominação em vários terrenos. Diante das acusações contraditórias de que ela é vítima em diferentes tribunais do mundo - em matéria de dogma ou de moral, de ética social ou familiar e de ética individual, de política ou de economia etc. - cresce o número dos que, ignorando o verdadeiro pensamento da Igreja procura conhecê-lo e, não raro, termina por apreciá-lo, amá-lo e aderir a ele.

#### 4. DESAFIOS À NOVA EVANGELIZAÇÃO

Em paralelo com esses elementos propícios, é impossível não discernir outros, numerosos, que alguém poderia definir como percalços, quem sabe até como *obstáculos intransponíveis*. Na verdade, podemos considerá-los mais exatamente como *desafios* - estimulantes e provocadores - à Nova Evangelização.

Parecem-me mais abrangentes - e, por isso, mais importantes - entre outros, os seguintes desafios.

##### **No plano dos fundamentos da fé e da sua consolidação.**

A Nova Evangelização deve dar cada vez maior ênfase às Escrituras, Antigo e Novo Testamento, na pregação, na catequese, na Liturgia e no culto, na animação das Comunidades, nos Círculos Bíblicos. A revalorização da Palavra de Deus, sem os desvios do *fundamentalismo*, de um lado, e do *reducionismo* ou da *manipulação sócio-política*, de outro, será sem dúvida uma sólida base para o diálogo ecumênico e um antídoto contra a tentação, para nossos fiéis, de buscarem um grupos religiosos heterodoxos o que não encontram nas suas Comunidades Católicas.

A Nova Evangelização pressupõe uma *crisologia* alicerçada nas Escrituras, nos dogmas dos primeiros Concílios, na teologia dos grandes Padres e Doutores, nos mestres espirituais, dos vários séculos da Igreja, tudo isso em estreito contacto com as graves interrogações do nosso tempo e traduzido em linguagem que o nosso tempo compreende. Uma *crisologia* mutilada, perturbada por dúvidas e incertezas a respeito de dogmas como o da Divindade de Cristo, sua ressurreição, sua condição de fundador da Igreja, sua permanência na mesma Igreja, sua segunda vinda, tal *crisologia* destrói *in limine* qualquer realidade de Nova Evangelização.

O conteúdo da reflexão de Mons. Karlic serve de base para qualquer projeto de Nova Evangelização no que concerne ao aspecto cristológico.

Uma concepção comum da Igreja naquilo que esta tem de essencial é uma exigência básica da Nova Evangelização. Ao contrário, *ecclesiologias* em conflito, sobretudo se professadas por pastores e/ou teólogos, introduzem um elemento de ruptura interior que pode levar a Nova Evangelização até à desagregação. É pois, indispensável que, superando qualquer subjetivismo, todos os evangelizadores busquem na teologia do Concílio Vaticano II a visão da Igreja que professam, ensinam e vivem.

A Nova Evangelização deve ter meios para ajudar a fé do católico a resistir a cinco assédios muito ameaçadores e muito comuns na América Latina:

a) O da *ignorância religiosa*;

b) O do *secularismo* incipiente, mas em crescimento sobretudo nas classes médias e superior;

c) O *indiferentismo religioso* presente, de modo diverso, tanto nas classes pobres quanto nos meios mais altos, socialmente falando. É fruto da pouca atenção pastoral e da frustração que se segue a uma busca através de muitos grupos religiosos;

d) O *sincretismo religioso* que consiste em considerar que o cristianismo e o catolicismo são simples cultos e valem tanto quanto outros cultos, podendo até ser praticado em alternância com outros, segundo o capricho de cada um;

e) a *influência das seitas* (ou grupos religiosos alternativos) cada vez mais afoitas; quase sempre desleais no seu proselitismo; atraentes pelas promessas que fazem em termos de bem estar, de saúde, de dinheiro, de trabalho, etc.; essas seitas, em geral, constituem sério perigo para a fé e a experiência diz que ficam imunes às suas seduções os católicos bem formados doutrinariamente e bem comprometidos com Cristo nas suas comunidades.

Sempre no plano ou consolidação da fé, parece-me importante que a Nova Evangelização valorize, promova, ou organize e não deixe faltar:

a) um *kerygma* ou *primeiro anúncio vigoroso, claro, persuasivo e alegre* de Jesus de Nazaré, Filho de Deus e Filho da Virgem Maria, *kerygma* levado de casa em casa, nas ruas e praças, onde quer que haja gente numerosa e sequiosa de Deus; tal *kerygma* constitui a força de grupos pentecostais e de alguns outros grupos religiosos alternativos e, de modo geral, é menos prezado e bastante desleixado pelos católicos.

- b) uma *boa catequese* ou *aprofundamento da fé*, que não seja abstrata mas colada à vida; que não se transforme em mera conscientização sócio-política incapaz de dar respostas à arraigada demanda religiosa da nossa gente; que atinja todas as idades, se dê em todos os ambientes (família, paróquia, escolas elementares, médias e superiores e use todos os meios, inclusive a televisão; catequese rigorosa quanto aos conteúdos e quanto ao testemunho de vida dos catequistas;
- c) uma *vida comunitária* tão intensa, calorosa, solidária quanto possível;
- d) uma experiência permanente de oração, louvor, ação de graças enriquecida pela prática sacramental;
- e) uma dimensão missionária mediante a qual as pessoas e as comunidades evangelizadas se tornam evangelizadoras;
- f) uma generosa e arejada abertura para outras comunidades.

As seis etapas que aqui descrevi - kerygma, catequese, formação de comunidade, vida sacramental e de oração, impulso missionário e abertura ecumênica para outras comunidades - são as que Paulo VI, na "Evangelii Nuntiandi" assinala no processo de evangelização e que devemos encontrar na Nova Evangelização.

**No plano do encontro entre a fé e a cultura são os seguintes os desafios:**

A Nova Evangelização deve encontrar a linguagem própria de cada cultura para poder-se fazer entender, nesta linguagem, por todos aqueles a quem quer comunicar o Evangelho (é o que se costuma chamar "aculturação");

As culturas não devem considerar-se como algo perfeito e imutável, fechado e cristalizado mas como algo perfectível e, por isso mesmo, aberto a outras realidades;

As culturas não devem ser vistas como espécies de religião de tal modo que o Evangelho e a fé cristã tenham que adaptar-se a elas e aos seus dogmas e não elas ao Evangelho;

A Nova Evangelização deve ter consciência de que, penetrando nas várias culturas, o Evangelho e o cristianismo as transformam por dentro no sentido de torná-las mais humanas e mais abertas ao Desígnio de Deus. De tudo isso se falará certamente com maior amplitude e profundidade na "ponência" sobre cultura.

### No plano da promoção humana.

Nova Evangelização deve ter consciência de dirigir-se a um continente formado de imensas massas de pobres e até extremamente pobres para os quais tem uma mensagem;

A originalidade da opção evangélica pelos pobres está em que, diferentemente das opções ideológicas e estratégicas, a Nova Evangelização levará aos pobres acima de tudo o anúncio da inalienável dignidade de cada pessoa humana e a proposta de um humanismo integral.

Graças a isso, a Nova Evangelização, sem pretender oferecer soluções técnicas para os problemas econômicos, aponta para a extirpação da miséria; a eliminação dos graves e escandalosos desequilíbrios sociais; o necessário e suficiente para todos quanto à comida, à moradia, ao salário justo, à saúde, à instrução, ao bem-estar geral; e sobretudo a solidariedade entre todos (pessoalmente ousaria sonhar com uma utopia: a de que a Nova Evangelização propusesse uma grande reconciliação entre todos neste Jubileu dos 500 anos!)

A *cultura da morte*, desafiando o *evangelho da vida*, eis outra interpelação à Nova Evangelização. Esta *cultura da morte* contra a qual a Nova Evangelização deve se opor oferecendo saídas válidas, se refletem em problemas de dolorosa atualidade na maioria dos nossos países com maior ou menor intensidade: o flagelo do aborto, a mortalidade infantil por inanição, o abandono e depois o assassinato de meninos e meninas da rua, a violência armada, os sequestros de pessoas, o narcotráfico com suas sequelas terrificantes.

A ética na política e na vida.

## 5. OS INSTRUMENTOS VIVOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

São importantes na Nova Evangelização na América Latina os instrumentos de que ela se servir.

Sem a presunção nem a possibilidde de traçar uma lista exaustiva, e reconhecendo o valor de todos eles, desejo citar apenas alguns desses instrumentos pela importância que têm nas atuais circunstâncias.

Refiro-me, antes de tudo, aos *meios de comunicação social*. Por um lado, eles têm um incalculável poder de transmitir idéias, convicções, normas de vida, modelos de comportamento, poderes comumente usados contra a fé e a moral, contra o ideal evangélico, mas que podem reverter a serviço desse ideal. Por outro lado os mass-média têm um efeito multiplicador de grande utilidade quando se trata de cobrir grandes distâncias e suprir a escassês de

evangelizadores. A Nova Evangelização na América Latina deverá preparar os melhores comunicadores que puder formar; gerar material, o melhor possível; educar a consciência crítica dos ouvintes ou telespectadores. Costumo dizer que a maior paróquia da minha Arquidiocese é a Rádio Excelsior, emissora arquidiocesana - e estou convencido de que por ela atinjo cem vezes mais fiéis do que os que as igrejas da Arquidiocese poderiam conter.

Segundo instrumento, a *catequese*. Sempre necessária, esta o é ainda mais quando é preciso dissipar a ignorância religiosa, crônica no nosso ambiente. E mais ainda para lutar contra as formas de sincretismo religioso, de superstição, de involução em busca de moldes de religião animista. Por outro lado, é uma exigência formar bons e boas catequistas, seguros na Doutrina e de comportamento incansável, conscientes de deverem transmitir a verdade revelada e não meros conceitos sociológicos.

Terceiro instrumento: a *educação*. Torna-se difícil - embora não impossível a Deus - transmitir todo o evangelho quando falta educação de base. A graça atua também no coração e na mente dos analfabetos e muitos desses chegaram à mais alta mística. Mas a Evangelização supõe normalmente pessoas humanas em toda a sua integridade, as quais só se obtêm por meio da educação. A Nova Evangelização procura dar as mãos a todos os responsáveis pelo progresso educacional em todos os níveis. Ela não descuida, para começar, seus apelos aos mais pobres e marginalizadas para que não se resignem a esta sua condição mas procurem pôr-se de pé e andar pelos próprios pés, mediante a educação.

Num campo totalmente diferente, em âmbito intra-eclesial, aponto como instrumento de Nova Evangelização os *ministérios instituídos* que se podem conferir a leigos; homens e mulheres. Ainda não se definiram adequadamente esses ministérios. Olhando de perto a América Latina, estou convencido de que, além dos ministérios extraordinários de comunhão eucarística, do matrimônio como *testis qualificatus* e do batismo, uma série de outros ministérios revelam-se úteis. Assim os do culto dominical, da catequese, da animação litúrgica, da animação comunitária, dos cemitérios, da acolhida na igreja, da consolação, da ação social.

## 6. OS DESTINATÁRIOS - SUJEITOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Para completar o que até aqui dissemos sobre a Nova Evangelização, é oportuno observar que a Nova Evangelização pode, e por vezes deve, dirigir-se com especial ênfase a determinadas pessoas ou categorias.

Objetos e destinatários do esforço evangelizador da Igreja, essas pessoas e categorias, são também *sujeitos e operadores* da evangelização. Citemos

alguns desses destinatários-protagonistas da Nova Evangelização sublinhando mais o segundo aspecto, de protagonistas.

Em profunda e indiscutível continuidade com as Conferências de Medellín e Puebla os primeiros objetos-sujeitos da evangelização nova são *os pobres*.

Estes que, de Puebla para cá, *tornaram-se ainda mais numerosos, e muito mais pobres*, em quase todos os países latino-americanos, esperam a renovada solidariedade da Igreja. Esperam que esta lhes anuncie com novo ardor a centralidade de Cristo e as riquezas da Graça Divina. Que lhes comunique a consciência de sua dignidade humana em Cristo. Que os inicie e os acompanhe na vida da graça mediante os sacramentos. Que os nutra com a Palavra de Deus. Que os ajude a superar a barreira da miséria, colabore com eles no seu esforço para saírem das múltiplas formas de marginalização. Esperam que a Igreja manifeste seu amor por eles sem adulá-los, sem ocultar seus pecados e suas fraquezas, sem dispensá-los de serem fiéis a todas as bem-aventuranças, conselhos evangélicos e virtudes cristãs sob o pretexto de que sua pobreza material, já os torna impecáveis e santos.

Em segundo lugar, *os jovens*. Estes têm motivos para se queixarem e acusam a Igreja de estar em débito com eles; proclamam que esta não deu à segunda opção preferencial de Puebla (pelos jovens, precisamente), a mesma importância prática que deu à primeira. Embora em diminuição na América Latina, por causa de insensatos programas de esterilização, de controle dos nascimentos e de aborto levados a cabo em nossas Nações, os jovens consttuem ainda enormes massas. São milhões e milhões, ameaçados de manipulação: manipulação por meio da droga, da pornografia, das ideologias, da violência, do descompromisso e da inércia; manipulação a serviço de partidos, facções, movimentos. Do ponto de vista religioso, são milhões de adolescentes e jovens aos quais não se consegue revelar o verdadeiro rosto de Jesus, Deus e Homem, nem a força do ideal cristão e da vocação batismal; milhões de adolescentes e jovens abandonados à falta de prática sacramental e de empenho apostólico, à ignorância religiosa e à indiferença. Se a Nova Evangelização não contiver um programa de boa-notícia para os jovens e de convocação deles, é de se temer que se sintam frustrados, mais do que já estão; que continuem à margem do cristianismo e que apliquem em outros campos o potencial energético de que estão carregados.

A opção pelos pobres, se for mal entendida e se tornar exclusiva e excludente, se se deixar impregnar por ideologias, acabará por abandonar todo um setor da população, própria ou impropriamente chamados *classe média*. Este é um segmento da sociedade cada vez mais sacrificado em virtude da pauperização ou empobrecimento galopante; cada vez mais esmagado; cada vez mais sofrido; cada vez mais ressentido com relação à Igreja Católica. E, no entanto, é o setor que melhor poderia realizar o ideal evangélico e a Doutrina Social da Igreja, a saber, de trabalho, de salário digno, de pobreza sem miséria.

Por outro lado, é deste setor que poderiam sair os melhores líderes em todos os campos do agir humano. Esta chamada *classe média* ainda se mostra aberta aos ensinamentos, à conversão e até à crítica e às orientações práticas da igreja. Por isso, sem desconhecer o aspecto polêmico da minha posição, atrevo-me a frisar o anúncio do Evangelho à classe média como um cuidado indispensável da Nova Evangelização na América Latina.

A *família* é outro importantíssimo objeto-sujeito, destinatária-protagonista da Nova Evangelização. Isto pelo amplo motivo assinalado pelos analistas sociais e retomado pelo Papa João Paulo II: em nenhum outro Continente a família ocupa, em princípio, um lugar tão marcante na formação da sociedade e, ao mesmo tempo, sofre uma deterioração tão formidável. Ameaçada por todos os instrumentos próprios da modernidade, pela mentalidade vigente, pelos mass-mídia, pelas legislações anti-familiares, é da Igreja que a Família Latino-americana ainda espera intuitivamente o socorro necessário para a sua regeneração moral e a sua integração social. Por isso, uma Pastoral familiar ampla, inteligente, capaz de comunicar valores éticos, religiosos e espirituais sem descuido das questões sócio-político-econômicas que envolvem a família, deve ser elemento-chave na Nova Evangelização.

Passando para um outro terreno, são objeto-sujeito, destinatários-protagonistas da Nova Evangelização os *ministros ordenados*. Efetivamente, a Nova Evangelização, de um lado quer incutir nos Bispos, Presbíteros e Diáconos do continente um *novo ardor* nascido da penetração de Jesus Cristo em suas vidas e do seu empenho a configurar-se com Ele enquanto Bom Pastor, Sumo e Eterno Sacerdote, Esposo da Igreja e Servo Sofredor de Javé. Por outro lado, ela sabe que depende destes ministros. Por isso a Nova Evangelização exige *uma Pastoral Vocacional* que aumente consideravelmente o número de jovens candidatos a estes ministérios. Mas exige igualmente que esses jovens recebam toda a formação humana, cristã, doutrinal, pastoral e sobretudo espiritual, que os torne verdadeiros protagonistas da mesma Nova Evangelização. A exortação apostólica post-sinodal "Pastores Dabo Vobis" é chamada a ser, neste sentido, um documento chave da Nova Evangelização.

Os *religiosos e religiosas* têm também o seu lugar insubstituível na Nova Evangelização. Os de *vida contemplativa*, de um lado, com o seu testemunho de gratuidade, de adoração, de busca do absoluto, de prática das bem-aventuranças, de esperança escatológica e de tensão para a Parusia e o Reino definitivo, tudo isso em perfeita comunhão com as outras instâncias e com os membros todos da Igreja, especialmente com os pobres. Do outro lado, *os religiosos e as religiosas que sem perder a dimensão contemplativa, estão mergulhados na ação apostólica e missionária*, inclusive nas fronteiras. Estas pessoas consagradas, desde que possuam uma visão eclesial da própria vocação em total sintonia com a doutrina e tradição da Igreja, tais como se refletem nos Documentos do Concílio Vaticano II e no Magistério posterior, são

imprescindíveis - e tem uma função original - no dinamismo pleno da Nova Evangelização.

Igualmente necessária e inconfundível é a presença dos *leigos*, homens e mulheres de todas as condições e idades, na Nova Evangelização. Quero sublinhar a presença e ação das mulheres: elas que são numericamente mais da metade da humanidade, buscam hoje legitimamente (à parte um ou outro desvio ideológico) o pleno reconhecimento do seu lugar social e dos seus direitos-deveres nas sociedades, inclusive na comunidade eclesial. A Nova Evangelização ganhará certamente em aprofundar as funções das mulheres na difusão do Evangelho e na vida social.

A exortação apostólica "Christifideles Laici" se reveste, na questão dos leigos, de uma relevância que não se sublinhará nunca demais: este documento constitui uma carta-magna da ação dos leigos em todos os setores da Nova Evangelização e, por isso deverá ser citado e posto em prática constantemente. Faltaria uma dimensão essencial à Nova Evangelização e seria muito difícil suprir de algum modo a essa falta, se não existisse a "Christifideles Laici". Resumo em poucas palavras, por escassês de tempo, a menção a uma categoria especial de leigos: a daqueles e daquelas que vivem sua *laicidade* numa dimensão de consagração através dos *Institutos Seculares*; será necessário descobrir com sempre maior clareza, o lugar específico que esses leigos e leigas ocupam na Nova Evangelização sob o ponto de vista quer do novo ardor, quer dos novos métodos e expressões.

A Nova Evangelização ou será *missionária* ou não terá substância nem sentido. Missionária no sentido de conquistar espaços internos (intra-eclesiais), nominalmente cristãos e católicos, minados porém pela *indiferença* religiosa, pela debilidade da fé e pela ausência quase total de prática e vivência. Missionária também no sentido de cumprir o dever de *pronunciar* e *anunciar* Jesus Cristo aos mais variados *aréopagos* (para empregar uma expressão de João Paulo II) nos quais se abrigam os próceres da modernidade e do post-moderno. Missionária enfim pela abertura *ad gentes*. Também aqui, um documento - uma encíclica de João Paulo II - reveste um inestimável valor de "texto-base", de "manual" e breviário da Nova Evangelização: a "Redemptoris Missio". Bispos, Presbíteros, Diáconos, religiosos e religiosas e leigos, se quiserem alistar-se na Nova Evangelização têm de ler, estudar, meditar, praticar cada parágrafo desta encíclica.

Falei dos *próceres dos novos aréopagos* e devo logo patentear uma convicção pessoal de Pastor e de colaborador do Ministério petrino: para ser completa e para prolongar o anúncio de Jesus Cristo e o ensinamento da Verdade revelada em diálogo com a Cultura (as culturas) e com influência sobre a Promoção humana, a Nova Evangelização não pode dar-se o luxo de fechar-se e emudecer diante desses próceres, quem sabe até sob o pretexto falacioso de que não fazem parte dos pobres; a verdade é que, sob um certo

aspecto, eles mesmos sabem e confessam que são pobres, pobres ao menos da verdade que salva. A verdade é também que são eles - os economistas e políticos, os cientistas e os maiores artistas, os técnicos e pesquisadores, os comunicadores sociais, os professores universitários e educadores em geral, os militares mas também os operários especializados, os líderes sindicais, os estudantes, os líderes rurais - são estes os que verdadeiramente influem na elaboração da leis, na criação de mentalidades, na difusão de idéias, na condução da sociedade. Eles são responsáveis pela sorte dos pobres. Ora, só alguns deles - não os ministros ordenados ou os religiosos - uma vez evangelizados, podem evangelizar seus pares. Neste sentido aquilo que Medellín chamava a "pastoral das elites" e Puebla chamou, mais apropriadamente, "pastoral dos construtores da sociedade pluralista" constitui certamente uma plataforma importante da Nova Evangelização e deve ser reformulado com maior vigor mas não descartado ou desvalorizado.

Fecho este depoimento e concludo esta síntese, forçosamente apressada e incompleta, sobre a Nova Evangelização, de um modo que muitos julgarão talvez um tanto inusitado, mas não heterodoxo. Ouso dizer que os verdadeiros destinatários-protagonistas da Nova Evangelização na América Latina são os grandes pecadores e os grandes santos do nosso quase continente. Os grandes pecadores porque estes constituem a opção absoluta de Cristo: "Não vim buscar os justos..." Os grandes santos porque eles são a evangelização na sua realização mais acabada. Assim foi por ocasião da primeira Evangelização: missionários, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas, muitos deles grandes figuras que formam um esplêndido santoral latino-americano, outros marcados pelas debilidades e deslises da condição humana, anunciaram o Evangelho. Conquistadores e colonizadores, muitos de boa fé e reta consciência, sujeitos às conjunturas da sua época, outros tantos, culpados de graves erros e pecados escutaram aquele anúncio.

Hoje, nós reconhecemos diante de Deus faltas históricas que Ele saberá perdoar mas também agradecemos pelo *Kairós* da "evangelização fundante", de 500 anos para cá. E queremos reconhecer também que nestes tempos de Nova Evangelização, nós nos empenhamos, alguns com um alto grau de santidade pessoal manifestada em testemunhos de fé, de amor fraterno, de devotamenteo até o sacrifício, de fervor contemplativo, de zelo na pregação, de firmeza na defesa da verdade - e até daquele testemunho que, por ser extremo, se chama *martyria*. Outros nos mostramos evangelizadores marcados pelas nossas fraquezas. E assim a Nova Evangelização prolonga, também neste ponto, a primeira: santos e pecadores somos todos, de modo diverso, objetos e sujeitos, destinatários e protagonistas. O importante é que, escrevendo direito sobre linhas tortas, Jesus Cristo se faz presente hoje como ontem, e pelos séculos sem fim.